

## **EVOLUÇÃO COMERCIAL DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ALIMENTOS NO MERCOSUL ENTRE OS ANOS DE 1991-2000**

Guilherme Augusto Malagolli\*

Embora a discussão acerca do modelo de políticas econômicas a serem tomadas com o objetivo de desenvolver o comércio internacional seja uma constante no processo de elaboração e consolidação dos acordos regionais, há um certo consenso entre os analistas em relação ao aumento do comércio de bens primários nos países do Mercosul durante a década de 90. Os bens primários não são produtos intensivos em capital e seu preço e produtividade estão mais relacionados às condições geográficas e climáticas dos produtores, tornando os países do Mercosul detentores de vantagens competitivas em relação a outros mercados.

Valendo-se da intensificação do comércio de produtos agrícolas e das transformações produtivas recentes, todo o setor de alimentos foi diretamente afetado pela formação do Mercosul. Com a integração econômica, a oferta de produtos agrícolas passou a ser muito grande e muito variada, desde produtos de clima temperado até produtos tropicais, aumentando o comércio interno e a participação do bloco no mercado mundial. O Mercosul configura-se como o grande exportador de grãos, carnes, frutas, açúcar e café (Waquil, 2001, p. 71). De um modo geral, como os países do Mercosul apresentam grandes vantagens competitivas na produção de alimentos, não há o deslocamento de comércio de um de um produto de melhor qualidade para outro de qualidade inferior, segundo os conceitos de desvio de comércio de Viner.

O Mercosul proporcionou um incremento na geração de comércio entre os produtores dos quatro países membros, possibilitando uma grande ampliação do mercado consumidor e forçando a incorporação de inovações produtivas como forma de concorrência. Assim, as empresas de alimentos puderam aumentar o fluxo de comércio intra-indústria e intrafirma, com base no melhor aproveitamento das economias de escala.

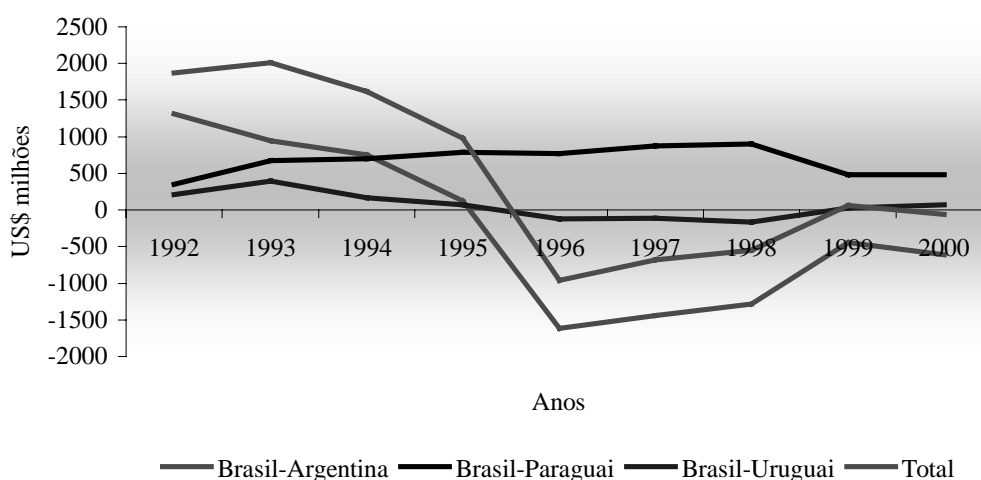
---

\* Mestre em Economia pela Universidade Estadual Paulista – Unesp – Araraquara.

A indústria brasileira de alimentos apresentou resultados favoráveis na balança comercial logo nos primeiros anos do Mercosul. De 1990 a 1996, a Balança Comercial apresentou saldo superavitário, caindo logo em seguida e recuperando-se no final da década. O gráfico 1.1 representa o saldo da Balança Comercial do Brasil com cada país membro do Mercosul, assim como o total geral no período de 1992 a 2000.

**Gráfico 1.1**

*Saldo da Balança Comercial Brasileira de Alimentos no Mercosul*



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA).

Nota-se, no gráfico, que o caso da indústria de alimentos se distingue do observado para a maioria dos setores industriais brasileiros. Enquanto outros setores industriais, que produzem bens com maior valor agregado, encontram no Mercosul uma oportunidade de expansão do mercado, apresentando superávits comerciais, o setor de alimentos encontra dificuldades comerciais frente à produção agropecuária dos outros países membros do bloco.

O volume de comércio entre Brasil e Argentina é muito superior ao realizado entre o Brasil e os outros países membros do bloco. Por este motivo, o comportamento gráfico do saldo total da Balança Comercial no período analisado acompanha o comportamento comercial bilateral Brasil-Argentina. Nota-se, ainda, que é o comércio registrado com a Argentina o responsável pelo déficit na Balança Comercial registrado na Segunda metade da década de 90.

Mesmo assim, deve-se destacar a evolução do comércio da indústria de alimentos entre Brasil e Paraguai, que apresentou taxas de crescimento relativamente constantes durante a maior parte da década de 90 e, apesar de decrescer entre os anos de 1998 e 1999, manteve-se sempre em condições de superávit para o Brasil. Em relação ao Uruguai, a evolução do comércio da indústria de alimentos foi modesto, alternando entre um pequeno superávit na primeira metade da década e déficit durante os anos seguintes, atingindo saldo próximo de zero em 1999 e 2000.

Entretanto, o saldo da Balança Comercial brasileira na década de 90 não é suficiente para uma compreensão detalhada da evolução da indústria brasileira de alimentos no Mercosul. Grande parte do volume de comércio analisado acima inclui produtos agropecuários não alimentícios, como plantas e animais vivos, resinas, extratos vegetais, fumo (tabaco) e bebidas entre outros. Estes produtos, embora importantes para o comércio regional e largamente absorvíveis pela indústria de alimentos, podem dificultar uma análise minuciosa do comportamento do setor industrial de alimentos no Brasil e suas relações com o Mercosul.

Para uma avaliação mais precisa da evolução comercial da indústria brasileira de alimentos no Mercosul, bem como a participação do setor agropecuário, dividido em produtos alimentícios e produtos não alimentícios, faz-se necessário a desagregação dos dados relacionados. Desta forma, pode-se identificar a intensidade real de comércio do setor industrial e agrícola, além da análise dos principais produtos deficitários e superavitários deste processo, ao longo da década de 90.

As tabelas 1.1, 1.2 e 1.3, em anexo, representam respectivamente o volume de exportações e importações da indústria brasileira de alimentos para a Argentina, Paraguai e Uruguai no período considerado. As tabelas trazem o volume comercializado em milhões de dólares especificado pelas características do produto, como produtos agropecuários não alimentícios, alimentos *in natura* e alimentos industrializados propriamente ditos. Cada tabela é ainda, dividida em duas partes: tabela (a) para as exportações e tabela (b) para as importações de cada produto no período. A partir de 1996, os valores registrados foram alterados em acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NMC).

Nota-se, com base nos dados registrados nas tabelas 1.1, 1.2 e 1.3, que a integração regional realmente promoveu um rápido aumento do comércio entre os países do Mercosul no setor de alimentos. As exportações brasileiras de produtos do setor, calculada em milhões de dólares, aumentou 188,75% entre os anos de 1992 e 2000. Este valor indica que a integração regional pode representar uma grande oportunidade de expansão para os produtores brasileiros do setor de alimentos. No entanto, o saldo da balança comercial do setor, no período considerado, não foi favorável ao Brasil. As importações brasileiras de alimentos, vindas dos outros membros do Mercosul aumentaram 349,64% entre os anos de 1992 e 2000, originando um déficit na balança comercial do setor a partir da segunda metade da década de 90 (gráfico 1.1).

Embora a maioria dos grupos de produtos apresentados nas tabelas tenha registrado um aumento das importações no período, o subgrupo caracterizado como o alimentos *in natura* foi principal responsável pela elevação do déficit da balança comercial de alimentos. Em 1992, o valor total das importações de alimentos *in natura* era menor do que o valor total das importações de alimentos industrializados, US\$ 470,97 milhões e US\$ 578,02 milhões respectivamente. No ano 2000, o valor total das importações de alimentos *in natura*, calculado em US\$ 1.599,81 milhões, já era 90,56% maior do que o valor total das importações de alimentos industrializados, na marca de US\$ 839,54 milhões.

Dentro do subgrupo caracterizado como alimentos *in natura*, os cereais representaram o principal item responsável pelo rápido aumento das importações brasileiras. O valor total das importações brasileiras de cereais do Mercosul passou de US\$ 200,26 milhões no ano de 1992 para US\$ 1.192,10 milhões em 2000, com um pico de US\$ 1.384,73 milhões em 1998. Neste mesmo período, as exportações de cereais do Brasil para o Mercosul caiu de US\$ 29,39 milhões para cerca de US\$ 11 milhões.

Os principais produtos que compõem o item de cereais importados são trigo, arroz e milho vindos, principalmente, da Argentina. Do valor total de cereais importados pelo Brasil no ano 2000, US\$ 1.066,96 milhões são de cereais vindos da Argentina, ou seja, 89,5% do total importado do produto naquele ano. Com a integração regional, a Argentina pôde expandir rapidamente o comércio de cereais aproveitando suas vantagens competitivas ocupando uma grande parcela do mercado regional que

antes era ocupada, em sua maioria, por produtos brasileiros. Neste contexto, embora o Brasil tenha apresentado um aumento das exportações de cereais para o Paraguai, os produtores brasileiros perderam, até mesmo, parte do mercado interno aos produtos argentinos.

Em relação aos alimentos industrializados, o principal subgrupo representativo do aumento das importações brasileiras foram os produtos do reino animal, cujo valor das importações totais era de US\$ 42,85 milhões em 1992, atingiu a marca de US\$ 526,71 milhões no ano de 1998 e decaiu para US\$ 426,06 milhões em 2000. Neste subgrupo, os principais itens que caracterizam este aumento das importações são os segmentos de laticínios, ovos de aves, mel, etc. e carnes e miudezas comestíveis. Mais uma vez, a Argentina se destaca como ofertante de peso no mercado internacional destes segmentos, representando 64,86% das importações totais de produtos industrializados do reino animal efetuadas pelo Brasil no ano 2000. Os dados destes segmentos confirmam que, assim como observado com a agricultura no caso dos cereais, a pecuária argentina apresenta vantagens competitivas na concorrência com os produtores brasileiros, ocupando parte significativa do mercado nacional.

A pecuária leiteira e de corte também constitui um dos principais setores que apresentam vantagens competitivas para o Uruguai e Paraguai. Deve-se destacar, com base nas tabelas, o aumento significativo da participação uruguaia e paraguaia no mercado brasileiro de produtos industrializados do reino animal. O valor das importações brasileiras deste subgrupo vindas do Paraguai passou de US\$ 2,84 milhões no ano de 1992 para o valor de US\$ 28,57 milhões no ano 2000. O caso uruguaio é semelhante aos anteriores, com o total de importações brasileiras passando de US\$ 16,33 milhões para US\$ 121,12 milhões no mesmo período.

Ainda entre os principais produtos industrializados que apresentaram um aumento no valor total importado pelo Brasil durante a década de 90 está o subgrupo caracterizado como produtos alimentícios e bebidas. O valor total importado pelo Brasil dos países do Mercosul, que era de US\$ 24,61 milhões em 1992, atingiu US\$ 365,34 milhões em 1997 e recuou para US\$ 169,04 no ano 2000. Mais uma vez, a Argentina aparece como a principal fornecedora de produtos importados pelo Brasil neste subgrupo, chegando a representar mais de 80% do total importado dos países do Mercosul.

O rápido aumento das importações brasileiras de produtos agropecuários vindos dos outros países membros do Mercosul não é um fato surpreendente. As vantagens competitivas na produção agropecuária sempre constituiu um diferencial importante destes países no comércio internacional. Ao Brasil caberia, dentro do processo de integração regional, reestruturar a produção agropecuária nacional, adaptando-a à falta de subsídios estatais e modernizar a distribuição destes produtos em busca de elevação da competitividade internacional.

Além disso, o Brasil deveria compensar esta desvantagem na balança comercial com o Mercosul com a expansão das exportações de produtos com maior valor agregado. De acordo com as tabelas 1.1(a), 1.2(a) e 1.3(a), percebe-se que as exportações brasileiras para os outros membros do Mercosul realmente cresceram em alguns segmentos de maior processamento industrial. O item cacau e suas preparações, por exemplo, registrou uma elevação considerável do valor exportado entre os anos de 1992 e 2000, passando de US\$ 17,33 milhões no primeiro ano da análise para US\$ 86,91 milhões em 1998 e terminando a década com o valor de US\$ 63,49 milhões.

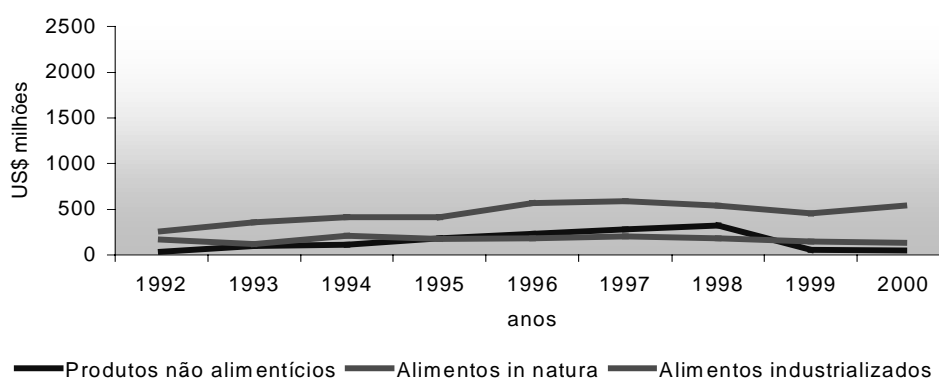
As exportações de produtos à base de preparações de carnes passaram de US\$ 4,34 milhões em 1992 para US\$ 34,87 milhões em 2000, enquanto o item açúcares e produtos de confeitaria, cujas exportações somavam US\$ 16,31 milhões em 1992, apresentou grande oscilação no valor exportado durante o período considerado até fechar a década em US\$ 48,4 milhões. Outro exemplo são os alimentos industrializados do reino vegetal, cujo total de exportações, registrado em US\$ 1,98 milhões em 1992, alcançou a marca de US\$ 9,62 milhões em 1996 e declinou nos anos seguintes até o valor de US\$ 3,49 milhões no ano 2000. Neste subgrupo, destacam-se os produtos da indústria de moagem, farelos e grãos processados.

Embora as exportações brasileiras em setores com maior valor agregado tenha aumentado até o final da década de 90, o montante exportado é muito menor do que o montante importado, mesmo nos setores com maior processamento industrial. O aumento das importações de alimentos *in natura*, com destaque para o caso dos cereais, foi o principal responsável pelo déficit registrado na balança comercial de alimentos na segunda metade da década de 90 (gráfico 1.1). Mas mesmo a importação de produtos com maior valor agregado neste período também superou as exportações brasileiras, contribuindo para elevar o déficit comercial no setor. O gráfico 1.2 representa o

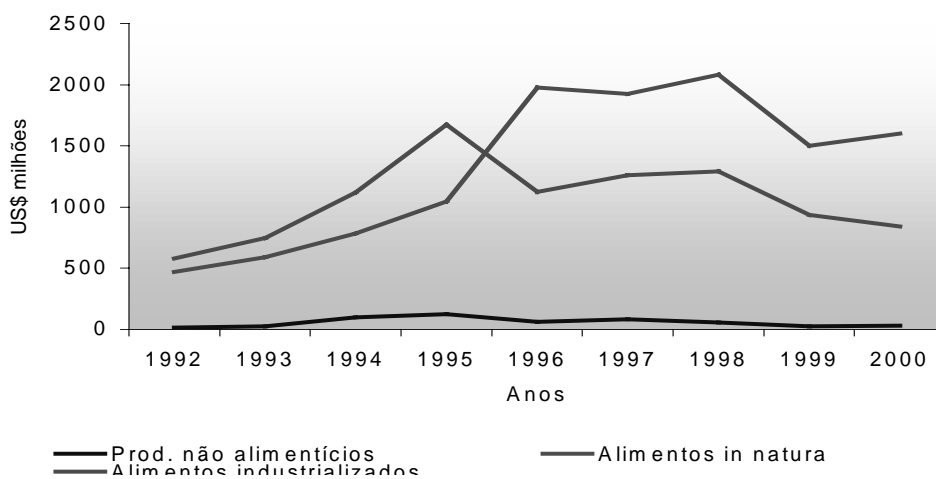
comportamento das exportações e das importações da indústria brasileira de alimentos entre os anos de 1992 e 2000. A parte (a) do gráfico ilustra as exportações brasileiras de produtos não alimentícios, alimentos *in natura* e alimentos industrializados para os três outros países do Mercosul e a parte (b) ilustra as importações brasileiras seguindo o mesmo critério.

**Gráfico 1.2**

**(a) Exportações da indústria brasileira de Alimentos para o Mercosul**



**(b) Importações da indústria brasileira de alimentos do Mercosul**



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados das tabelas 1.1, 1.2 e 1.3.

A análise do gráfico 1.2(a) revela um comportamento das exportações de produtos não alimentícios com poucas oscilações entre os anos de 1992 e 1998. Observa-se uma tendência de elevação nas exportações de produtos não alimentícios ao longo do período considerado, superando as exportações de alimentos *in natura* no ano de 1995. Este item apresenta uma queda a partir de 1998, retornando a um

comportamento sem grandes oscilações nos dois anos seguintes. De qualquer forma, apesar de ser um indicador relevante para a análise da indústria brasileira de alimentos no Mercosul, o volume de exportações de produtos não alimentícios não é essencial para os objetivos deste estudo, que considera de maior importância para o tema o comportamento das exportações de alimentos *in natura* e alimentos industrializados.

Outro aspecto importante a ser destacado na comparação das duas partes do gráfico 1.2 é que, apesar da taxa de crescimento das exportações de alimentos industrializados ser pequena se comparado com as taxas de crescimento das importações, o crescimento das exportações apresentou uma tendência relativamente constante ao longo de toda a década de 90. As importações de alimentos industrializados, embora sejam maiores que o valor das exportações, apresentaram uma tendência de queda a partir de 1995.

Nota-se que a queda das importações de produtos industrializados ocorreu na segunda metade da década de 90, acompanhando a consolidação da estabilidade econômica e a expansão do consumo. Junto com a estabilidade econômica, houve também um leve crescimento das taxas de crescimento das exportações de alimentos. O déficit comercial referente aos produtos alimentares industrializados, portanto, apresentou uma tendência de queda na segunda metade da década de 90.

Por outro lado, a linha que representa o comércio de alimentos *in natura* mostra o aumento contínuo das importações destes produtos até o ano de 1998, com queda em 1999 e novo aumento no ano 2000. As exportações, em contrapartida, permaneceram praticamente estáveis ao longo da década, provocando um déficit crescente na balança comercial de alimentos *in natura*.

Contudo, a análise do comércio de alimentos do Brasil com o Mercosul, focalizada no fluxo de exportações para a Argentina por ser muito superior aos demais, pode ser melhor compreendida com a mensuração da inserção e da dependência das exportações brasileiras para o mercado argentino. Segundo Bello (2001, p. 137), a inserção representa o percentual de participação das exportações brasileiras, desagregada por produto, nas importações argentinas daquele produto. A dependência, por sua vez, é entendida como o percentual de participação das exportações para um determinado país em relação ao total exportado, ambos desagregados por produtos.



Deste modo, Bello (2001) realizou um estudo empírico sobre a inserção e a dependência do comércio Brasil – Argentina, bem como o seu comércio potencial, medido pela diferença, em dólares, entre as importações argentinas de um determinado produto e as exportações brasileiras do mesmo produto para a Argentina, considerando os dados conforme os casos representados na tabela 3.4.

**Tabela 1.4**

*Classificação dos casos de dependência do comércio brasileiro*

	Classificação	(%)	Classificação	(%)
Caso 1	inserção alta	(acima de 50%)	dependência baixa	(abaixo de 25%)
Caso 2	inserção alta	(acima de 50%)	dependência alta	(acima de 50%)
Caso 3	inserção baixa	(abaixo de 50%)	dependência alta	(acima de 50%)
Caso 4	inserção baixa	(abaixo de 50%)	dependência baixa	(abaixo de 25%)
Caso 5	inserção alta	(acima de 50%)	dependência média	(entre 25% e 50%)
Caso 6	inserção baixa	abaixo de 50%	dependência média	(entre 25% e 50%)

Fonte: Elaboração do autor, baseado no estudo empírico de Bello, 2001.

Bello concluiu que, ao longo dos anos 90, houve um aumento da inserção e da dependência das exportações brasileiras junto ao mercado argentino atribuído à formação do Mercosul. Os grupos de produtos analisados concentraram-se no item de inserção baixa e dependência média (46,35% do valor exportado pelo Brasil para a Argentina no ano de 1998) e inserção baixa de dependência baixa (29,74%). Este resultado, segundo a autora, enfatiza o caráter multinacional da pauta de exportações do Brasil, pois embora a Argentina seja o segundo maior parceiro comercial do país, o grau de dependência do Brasil ao mercado argentino pode ser considerado de médio a baixo (idem, p.156).

No caso específico dos produtos alimentícios, no entanto, nota-se predominantemente um grau de inserção alta e dependência baixa para os alimentos com maior valor agregado e um grau de inserção baixa e dependência baixa para os produtos alimentares *in natura* ou com baixo valor agregado. A tabela 1.5 representa a inserção e a dependência dos principais produtos do setor de alimentos no comércio Brasil – Argentina mediante a classificação apresentada acima.

**Tabela 1.5**

*(a) Comércio potencial para exportações brasileiras com produtos de inserção alta e dependência baixa na Argentina – 1998 (US\$ milhões)*

Produtos	Importações da Argentina	Export. Bras. para a Argentina	Comércio Potencial	Exportações Brasileiras	Inserção (%)	Dependência (%)
Café e sucedâneos do café	96,65	80,04	16,61	2.604,67	82,82	3,07
Preparados, conservas de carne e despojos comestíveis manufat.	24,80	14,64	10,16	350,88	59,05	4,17
Carnes e despojos comestíveis, frescos, refrig. ou congelados	215,87	127,22	88,65	1.237,40	58,93	10,28
Especiarias	16,86	9,60	7,26	86,10	56,95	11,15
Açúcar e mel	4,25	2,34	1,91	1.953,33	54,91	0,12
Tabaco manufaturado	4,68	2,42	2,26	619,10	51,80	0,39
Artigos de confeitaria e outros preparos de açúcar	30,58	15,67	14,91	73,84	51,24	21,22

*(b) Comércio potencial para exportações brasileiras com produtos de inserção baixa e dependência baixa na Argentina – 1998 (US\$ milhões)*

Produtos	Importações da Argentina	Export. Bras. para a Argentina	Comércio Potencial	Exportações Brasileiras	Inserção (%)	Dependência (%)
Margarinas e manteigas de pastelaria	2,35	1,10	1,25	8,25	46,82	13,37
Chocolate e outros alim. prep. com cacau	26,26	11,93	14,33	53,54	45,45	22,29
Outras sêmolas e farinhas finas de cereais	0,22	0,07	0,15	1,81	32,46	4,10
Frutas em conserva e preparados de frutas	78,49	18,25	60,24	1.347,50	23,25	1,35
Peixe fresco (vivo ou morto), refrig. ou cong.	11,67	2,58	9,09	34	22,09	7,59
Crustáceos e moluscos	9,02	0,02	9	68,47	0,23	0,03

Fonte: Bello, 2001, p. 159-166 (adaptado para o estudo dos casos de produtos alimentícios).

A tabela 1.5(a) indica alguns produtos brasileiros do setor de alimentos com alta inserção nas importações da Argentina no ano de 1998. Isto mostra que o Brasil constitui o principal fornecedor destes produtos para o mercado argentino, pois mais da metade das importações daquele país vem do Brasil. São produtos, portanto, que apresentam forte competitividade no mercado argentino. É importante ressaltar que a

maioria destes produtos são tradicionais da pauta de exportações brasileiras, como café, açúcar e carne, facilitando a penetração destes produtos em novos mercados.

A tabela 1.5(b), por outro lado, indica alguns produtos brasileiros do setor de alimentos pouco exportados para a Argentina no ano de 1998, ou seja, produtos que não atingiram níveis significativos de comércio com o processo de integração regional. A estes produtos da tabela 1.5(b), ainda podem ser incluídos os casos do leite, milho, chá, óleos vegetais e muitos outros. Em todos estes casos o comércio potencial é muito grande, com amplas possibilidades de incrementar as exportações brasileiras para a Argentina, uma vez que a maioria das importações vem de outros países.

No que se refere ao comércio potencial, deve-se considerar que o grau de expansão do comércio brasileiro nos produtos indicados está determinado pelas condições de competitividade internacional de cada produto. O aumento da competitividade comercial do produto brasileiro que deve superar a dos produtos de terceiros países para a elevação dos níveis de comércio. Deve-se, ainda, considerar o fato de que muitos destes produtos são fabricados por grandes empresas transnacionais, sujeitas a um comércio administrado, que leva em conta o interesse global da empresa.

De qualquer forma, independentemente do grau de inserção das exportações brasileiras no mercado argentino, a dependência do Brasil em relação à Argentina no comércio de alimentos é baixa. Isso significa que, embora o comércio bilateral apresente um déficit a partir da segunda metade da década de 90, o volume de comércio de alimentos do Brasil com outros países apresenta uma importância maior do que o volume comercial brasileiro com a Argentina. Embora alguns produtos do setor de alimentos possam ser considerados com dependência média, como o cacau, a maioria dos produtos do setor de alimentos apresenta um grau de dependência do mercado argentino é inferior ao grau de dependência em relação a outros mercados como a União Européia e E.U.A.. Contudo, o crescimento das exportações argentinas para o mercado brasileiro revela que a dependência da Argentina em relação ao Brasil, no setor de alimentos, é maior do que a do Brasil em relação à Argentina.

## **ANEXO**

Tabela 1.1 (a)  
Exportações Brasileiras de Produtos do Setor de Alimentos para a Argentina 1992 – 2000 (US\$ milhões FOB)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<b>TOTAL GERAL (I)</b>	<b>3.040</b>	<b>3.659</b>	<b>4.136</b>	<b>4.041</b>	<b>5.170</b>	<b>6.767</b>	<b>6.748</b>	<b>5.364</b>	<b>6.233</b>
<b>TOTAL AGROBUSINESS (A+B+C) (II)</b>	<b>319,43</b>	<b>317,15</b>	<b>445,33</b>	<b>368,34</b>	<b>535,15</b>	<b>516,47</b>	<b>459,92</b>	<b>397,59</b>	<b>451,99</b>
<b>TOTAL AGROPECUARIA (A+B)</b>	<b>136,49</b>	<b>93,21</b>	<b>166,35</b>	<b>121,94</b>	<b>185,51</b>	<b>199,46</b>	<b>134,08</b>	<b>120,19</b>	<b>98,56</b>
<b>A. PROD. AGROPECUARIOS NÃO-ALIMENTÍCIOS</b>	<b>6,54</b>	<b>20,67</b>	<b>5,88</b>	<b>12,28</b>	<b>74,16</b>	<b>69,48</b>	<b>18,35</b>	<b>19,09</b>	<b>10,73</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	-	8,44	0,16	0,09	0,54	1,65	1,45	0,84	0,44
II – Produtos do Reino Vegetal	2,16	2,47	1,83	2,76	2,34	3,37	4,43	4,68	5,41
Plantas vivas e produtos de floricultura	0,06	0,98	0,05	0,64	0,31	0,54	0,48	0,28	0,29
Gomas, resinas, outros sucos e extratos vegetais	0,97	0,88	0,26	2,11	2,03	2,70	3,44	4,31	4,75
Mat. Para tranças e produtos de origem vegetal	1,13	0,61	1,51	0,00	0,00	0,13	0,51	0,09	0,37
III – Produtos alimentícios, Bebidas e Fumo	2,22	9,76	3,89	9,43	71,27	64,45	12,47	13,57	4,89
<b>B. ALIMENTOS IN NATURA</b>	<b>129,95</b>	<b>72,55</b>	<b>160,48</b>	<b>109,66</b>	<b>111,35</b>	<b>129,98</b>	<b>115,74</b>	<b>101,10</b>	<b>87,83</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	73,40	3,75	77,10	2,79	2,77	2,33	2,60	1,77	1,33
II – Produtos do Reino Vegetal	56,54	68,79	83,38	106,87	108,58	127,65	113,14	99,33	86,50
Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis, etc.	1,19	4,91	0,73	4,82	4,86	1,21	5,32	16,70	10,84
Frutas, cascas de cítricos e melões	4,20	23,07	0,62	7,33	13,43	13,89	18,58	20,70	19,46
Café, chá, mate e especiarias	20,91	39,57	9,27	92,30	82,09	98,55	86,77	57,80	53,01
Cereais	29,32	1,13	71,52	1,96	7,35	4,89	1,89	3,48	2,41
Sementes e frutos oleaginosos, grãos etc.	0,92	0,12	1,24	0,46	0,85	9,11	0,57	0,65	0,78
<b>C. ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS</b>	<b>182,94</b>	<b>223,93</b>	<b>278,98</b>	<b>246,39</b>	<b>349,65</b>	<b>371,01</b>	<b>325,84</b>	<b>277,40</b>	<b>353,43</b>
I – Produtos do Reino Animal	88,48	98,91	81,80	55,79	205,18	124,11	142,51	108,78	108,06
Carnes e miudezas comestíveis	73,40	95,12	77,10	54,45	101,20	117,96	113,95	102,13	97,34
Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc.	6,10	3,64	3,40	1,35	101,20	5,21	7,12	5,41	8,90
Produtos de origem animal	8,98	0,15	1,30	0,00	2,77	0,95	1,43	1,24	1,82
II – Produtos do Reino Vegetal	0,51	0,61	1,11	2,00	2,37	3,67	2,19	1,75	2,16
III – Gorduras, Óleos e Ceras Animais e Vegetais	0,31	4,25	0,00	11,06	10,86	9,38	8,99	5,74	5,28
IV – Produtos Alimentícios e Bebidas	93,64	120,16	196,08	177,54	131,24	179,85	172,16	161,12	237,93
Preparação de carnes, de peixes, etc.	2,67	5,96	5,22	16,82	18,24	25,00	26,88	26,04	28,24
Doçaria e produtos de confeitaria	5,81	13,23	11,79	55,56	7,50	26,82	18,01	20,33	17,15
Alimentos e bebidas	9,90	34,72	63,29	42,63	51,75	61,94	72,31	57,28	50,22
Preparações à base de cereais, farinha, etc.	34,02	8,06	50,61	7,32	7,02	6,80	9,33	8,05	12,52
Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	9,23	11,26	13,43	8,72	8,52	12,74	5,01	4,33	4,40
Outros	32	46,93	51,74	46,49	38,22	46,55	40,63	45,08	122,35

Fonte: ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação.

Tabela 1.1 (b)  
 Importações Brasileiras de Produtos do Setor de Alimentos da Argentina 1992 – 2000 (US\$ milhões FOB)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<b>TOTAL GERAL (I)</b>	<b>1.732</b>	<b>2.717</b>	-	-	<b>6.784</b>	<b>8.210</b>	<b>8.031</b>	<b>5.813</b>	<b>6.843</b>
<b>TOTAL AGROBUSINESS (A+B+C) (II)</b>	<b>858,68</b>	<b>1.090,49</b>	-	-	<b>2.282,09</b>	<b>2.308,08</b>	<b>2.549,78</b>	<b>1.959,23</b>	<b>1.935,82</b>
<b>TOTAL AGROPECUARIA (A+B)</b>	<b>367,07</b>	<b>457,18</b>	-	-	<b>1.545,84</b>	<b>1.496,55</b>	<b>1.724,96</b>	<b>1.275,02</b>	<b>1.334,48</b>
<b>A. PROD. AGROPECUARIOS NÃO-ALIMENTÍCIOS</b>	<b>6,98</b>	<b>5,62</b>	-	-	<b>18,07</b>	<b>24,57</b>	<b>12,43</b>	<b>5,26</b>	<b>10,94</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	1,64	2,36	-	-	4,83	3,50	2,79	2,41	3,02
II – Produtos do Reino Vegetal	0,07	0,22	-	-	0,62	0,96	0,31	0,54	0,70
Plantas vivas e produtos de floricultura	0,00	0,10	-	-	0,04	0,13	0,16	0,20	0,13
Gomas, resinas, outros sucos e extratos vegetais	0,05	0,05	-	-	0,13	0,02	0,04	0,32	0,57
Mat. Para tranças e produtos de origem vegetal	0,01	0,07	-	-	0,45	0,81	0,11	0,03	0,00
III – Produtos alimentícios, Bebidas e Fumo	<b>5,27</b>	<b>3,04</b>	-	-	<b>12,62</b>	<b>20,12</b>	<b>9,34</b>	<b>2,31</b>	<b>7,21</b>
<b>B. ALIMENTOS IN NATURA</b>	<b>360,09</b>	<b>451,56</b>	-	-	<b>1.527,77</b>	<b>1.471,98</b>	<b>1.712,53</b>	<b>1.269,76</b>	<b>1.323,54</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	<b>27,34</b>	<b>45,17</b>	-	-	<b>135,60</b>	<b>140,21</b>	<b>115,27</b>	<b>69,49</b>	<b>62,33</b>
II – Produtos do Reino Vegetal	<b>332,74</b>	<b>406,39</b>	-	-	<b>1.392,17</b>	<b>1.331,77</b>	<b>1.597,26</b>	<b>1.200,27</b>	<b>1.261,22</b>
Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis, etc.	88,88	107,70	-	-	184,98	257,29	308,53	133,92	108,32
Frutas, cascas de cítricos e melões	68,58	60,69	-	-	173,29	155,05	143,42	85,18	76,15
Café, chá, mate e especiarias	1,35	3,34	-	-	11,04	9,27	6,68	3,56	3,98
Cereais	122,75	228,70	-	-	1.013,49	902,19	1.132,91	971,68	1.066,96
Sementes e frutos oleaginosos, grãos etc.	51,18	5,96	-	-	9,37	7,97	5,72	5,94	5,81
<b>C. ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS</b>	<b>491,62</b>	<b>633,31</b>	-	-	<b>736,25</b>	<b>811,53</b>	<b>824,82</b>	<b>684,21</b>	<b>601,34</b>
I – Produtos do Reino Animal	<b>23,69</b>	<b>57,15</b>	-	-	<b>322,65</b>	<b>308,79</b>	<b>289,38</b>	<b>324,19</b>	<b>276,37</b>
Carnes e miudezas comestíveis	18,83	27,07	-	-	110,85	91,47	51,75	36,86	43,19
Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc.	4,36	29,62	-	-	210,53	216,04	236,25	286,69	232,15
Produtos de origem animal	0,50	0,46	-	-	1,27	1,28	1,38	0,64	1,04
II – Produtos do Reino Vegetal	<b>417,58</b>	<b>499,59</b>	-	-	<b>107,47</b>	<b>159,05</b>	<b>108,76</b>	<b>89,76</b>	<b>106,95</b>
III – Gorduras, Óleos e Cêras Animais e Vegetais	<b>31,00</b>	<b>57,84</b>	-	-	<b>106,44</b>	<b>105,52</b>	<b>184,99</b>	<b>111,57</b>	<b>81,78</b>
IV – Produtos Alimentícios e Bebidas	<b>19,35</b>	<b>18,73</b>	-	-	<b>199,70</b>	<b>238,18</b>	<b>241,69</b>	<b>158,69</b>	<b>136,24</b>
Preparação de carnes, de peixes, etc.	1,20	1,03	-	-	4,83	5,38	4,70	2,13	2,85
Doçaria e produtos de confeitaria	5,34	2,30	-	-	28,53	30,08	30,44	16,18	10,77
Alimentos e produtos de confeitaria	0,21	0,19	-	-	28,81	43,24	51,30	23,11	15,04
Preparações à base de cereais, farinha, etc.	4,08	7,70	-	-	36,50	28,24	29,24	9,91	8,19
Bebidas, Líquidos alcoólicos e vinagres	1,21	1,34	-	-	5,94	6,69	5,90	6,63	7,72
Outros	7,32	6,17	-	-	95,08	124,55	120,10	100,72	91,68

Fonte: ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação.

Tabela 1.2 (a)  
Exportações Brasileiras de Produtos do Setor de Alimentos para o Paraguai 1992 – 2000 (US\$ milhões FOB)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<b>TOTAL GERAL (I)</b>	<b>543</b>	<b>952</b>	<b>1.054</b>	<b>1.301</b>	<b>1.325</b>	<b>1.406</b>	<b>1.249</b>	<b>744</b>	<b>832</b>
<b>TOTAL AGROBUSINESS (A+B+C) (II)</b>	<b>98,93</b>	<b>170,33</b>	<b>207,87</b>	<b>294,28</b>	<b>268,53</b>	<b>322,32</b>	<b>383,01</b>	<b>135,47</b>	<b>161,26</b>
<b>TOTAL AGROPECUARIA (A+B)</b>	<b>36,69</b>	<b>75,94</b>	<b>104,66</b>	<b>164,83</b>	<b>119,75</b>	<b>186,70</b>	<b>256,61</b>	<b>35,11</b>	<b>44,35</b>
<b>A. PROD. AGROPECUARIOS NÃO-ALIMENTÍCIOS</b>	<b>35,90</b>	<b>74,55</b>	<b>99,61</b>	<b>158,35</b>	<b>109,21</b>	<b>175,70</b>	<b>235,67</b>	<b>24,97</b>	<b>31,60</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	0,37	0,44	1,76	2,82	2,17	2,38	2,59	2,82	2,33
II – Produtos do Reino Vegetal	0,04	0,72	0,06	0,10	0,09	0,04	0,04	0,06	0,05
Plantas vivas e produtos de floricultura	0,00	0,04	0,01	0,00	0,00	0,02	0,03	0,02	0,01
Gomas, resinas, outros sucos e extratos vegetais	0,03	0,57	0,05	0,09	0,09	0,01	0,02	0,04	0,04
Mat. Para tranças e produtos de origem vegetal	0,01	0,11	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
III – Produtos alimentícios, Bebidas e Fumo	<b>35,49</b>	<b>73,40</b>	<b>97,78</b>	<b>155,42</b>	<b>106,95</b>	<b>173,38</b>	<b>233,04</b>	<b>22,09</b>	<b>29,22</b>
<b>B. ALIMENTOS IN NATURA</b>	<b>0,79</b>	<b>1,39</b>	<b>5,05</b>	<b>6,48</b>	<b>10,54</b>	<b>11,00</b>	<b>20,94</b>	<b>10,15</b>	<b>12,76</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	0,02	0,04	0,12	0,12	0,11	0,08	0,07	0,05	0,06
II – Produtos do Reino Vegetal	0,77	1,35	4,94	6,36	10,43	10,92	20,87	10,10	12,69
Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis, etc.	0,01	0,02	0,03	0,09	0,07	0,18	0,52	0,24	0,05
Frutas, cascas de cítricos e melões	0,00	0,03	0,11	0,17	0,14	0,13	0,13	0,08	0,04
Café, chá, mate e especiarias	0,57	0,86	2,92	2,92	3,01	3,15	2,23	1,51	0,69
Cereais	0,03	0,31	1,05	2,64	3,08	3,07	6,14	5,08	8,31
Sementes e frutos oleaginosos, grãos etc.	0,15	0,13	0,83	0,55	4,13	4,38	11,85	3,20	3,60
<b>C. ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS</b>	<b>62,24</b>	<b>94,39</b>	<b>103,20</b>	<b>129,45</b>	<b>148,78</b>	<b>135,62</b>	<b>126,40</b>	<b>100,36</b>	<b>116,91</b>
I – Produtos do Reino Animal	2,30	1,68	1,85	3,64	3,77	2,91	2,79	2,44	3,14
Carnes e miudezas comestíveis	1,12	0,91	0,24	0,55	1,29	1,07	0,78	0,35	0,22
Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc.	1,15	0,73	1,55	2,92	2,23	1,47	1,50	1,22	2,34
Produtos de origem animal	0,03	0,04	0,06	0,18	0,24	0,38	0,52	0,87	0,57
II – Produtos do Reino Vegetal	0,80	1,66	1,96	3,77	6,43	2,72	2,88	1,36	0,75
III – Gorduras, Óleos e Cêras Animais e Vegetais	0,24	0,22	1,12	1,47	4,39	4,43	9,76	9,50	9,36
IV – Produtos Alimentícios e Bebidas	58,90	90,83	98,27	120,57	134,19	125,56	110,96	87,06	103,66
Preparação de carnes, de peixes, etc.	0,82	1,60	2,31	3,66	2,78	3,47	3,78	2,98	3,52
Doçaria e produtos de confeitaria	8,38	13,36	16,14	21,46	18,31	15,70	14,24	13,49	13,82
Cacau e suas preparações	4,22	6,70	6,07	8,18	8,24	9,14	8,87	5,77	7,17
Preparações à base de cereais, farinha, etc.	2,25	3,72	5,66	9,20	11,27	9,12	7,77	7,41	10,62
Bebidas, Líquidos alcoólicos e vinagres	36,89	50,94	50,44	53,91	61,67	48,58	41,59	33,06	44,17
Outros	6,34	14,51	17,67	24,17	31,94	39,56	27,46	24,34	24,35

Fonte: ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação.

Tabela 1.2 (b)  
 Importações Brasileiras de Produtos do Setor de Alimentos do Paraguai 1992 – 2000 (US\$ milhões FOB)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<b>TOTAL GERAL (I)</b>	<b>195</b>	<b>276</b>	<b>352</b>	<b>515</b>	<b>551</b>	<b>531</b>	<b>351</b>	<b>260</b>	<b>351</b>
<b>TOTAL AGROBUSINESS (A+B+C) (II)</b>	<b>49,47</b>	<b>50,52</b>	<b>157,56</b>	<b>291,81</b>	<b>198,69</b>	<b>390,65</b>	<b>231,68</b>	<b>168,32</b>	<b>237,19</b>
<b>TOTAL AGROPECUARIA (A+B)</b>	<b>15,32</b>	<b>13,80</b>	<b>81,87</b>	<b>192,39</b>	<b>41,04</b>	<b>249,27</b>	<b>115,36</b>	<b>110,99</b>	<b>177,65</b>
<b>A. PROD. AGROPECUARIOS NÃO-ALIMENTÍCIOS</b>	<b>2,00</b>	<b>8,68</b>	<b>17,97</b>	<b>17,70</b>	<b>15,38</b>	<b>31,69</b>	<b>22,46</b>	<b>10,33</b>	<b>11,57</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	2,00	7,82	16,96	16,12	14,26	31,05	22,06	10,11	10,95
II – Produtos do Reino Vegetal	0,00	0,87	1,01	1,58	1,12	0,64	0,40	0,22	0,59
Plantas vivas e produtos de floricultura	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Gomas, resinas, outros sucos e extratos vegetais	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Mat. Para tranças e produtos de origem vegetal	0,00	0,87	1,01	1,58	1,12	0,64	0,40	0,22	0,59
III – Produtos alimentícios, Bebidas e Fumo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03
<b>B. ALIMENTOS IN NATURA</b>	<b>13,32</b>	<b>5,11</b>	<b>63,90</b>	<b>174,69</b>	<b>25,67</b>	<b>217,58</b>	<b>92,90</b>	<b>100,66</b>	<b>166,08</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	0,00	0,00	0,15	0,66	0,45	0,13	0,10	0,02	0,16
II – Produtos do Reino Vegetal	13,32	5,11	63,75	174,03	25,21	217,45	92,80	100,64	165,92
Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis, etc.	0,27	0,00	0,12	0,07	0,17	0,04	0,23	0,14	0,06
Frutas, cascas de cítricos e melões	0,29	0,37	1,66	0,56	0,26	0,21	0,46	0,07	0,02
Café, chá, mate e especiarias	0,00	0,00	0,00	0,08	0,05	0,21	0,04	0,03	0,11
Cereais	0,18	1,34	13,06	25,04	24,56	42,68	26,41	17,66	32,21
Sementes e frutos oleaginosos, grãos etc.	12,59	3,41	48,91	148,28	0,17	174,31	65,66	82,74	133,51
<b>C. ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS</b>	<b>34,15</b>	<b>36,72</b>	<b>75,69</b>	<b>99,42</b>	<b>157,65</b>	<b>141,39</b>	<b>116,32</b>	<b>57,33</b>	<b>59,54</b>
I – Produtos do Reino Animal	2,84	5,17	19,39	20,12	16,95	14,31	28,30	12,01	28,57
Carnes e miudezas comestíveis	2,61	4,57	18,47	19,74	16,74	13,81	27,12	11,16	28,19
Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc.	0,00	0,00	0,06	0,02	0,05	0,04	0,06	0,00	0,00
Produtos de origem animal	0,23	0,60	0,86	0,36	0,16	0,46	1,13	0,85	0,38
II – Produtos do Reino Vegetal	0,00	0,00	9,18	6,78	0,30	3,28	1,66	0,14	0,70
III – Gorduras, Óleos e Ceras Animais e Vegetais	30,52	30,79	46,40	67,25	63,48	53,78	58,08	32,08	9,98
IV – Produtos Alimentícios e Bebidas	0,80	0,76	0,72	5,26	76,92	70,02	28,28	13,10	20,29
Preparação de carnes, de peixes, etc.	0,00	0,00	0,00	0,00	51,50	0,00	0,00	0,00	0,00
Doçaria	0,00	0,00	0,00	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Preparações à base de cereais, farinha, etc.	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Bebidas, Líquidos alcoólicos e vinagres	0,00	0,00	0,09	0,74	0,41	6,68	0,04	0,04	0,02
Outros	0,80	0,76	0,63	4,43	25	63,34	28,24	13,06	20,28

Fonte: ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação.



Tabela 1.3 (a)  
Exportações Brasileiras de Produtos do Setor de Alimentos para o Uruguai 1992 – 2000 (US\$ milhões FOB)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<b>TOTAL GERAL (D)</b>	<b>514</b>	<b>776</b>	<b>732</b>	<b>812</b>	<b>811</b>	<b>870</b>	<b>881</b>	<b>670</b>	<b>669</b>
<b>TOTAL AGROBUSINESS (A+B+C) (II)</b>	<b>53,96</b>	<b>85,72</b>	<b>90,09</b>	<b>112,45</b>	<b>173,94</b>	<b>179,42</b>	<b>206,09</b>	<b>135,25</b>	<b>119,25</b>
<b>TOTAL AGROPECUARIA (A+B)</b>	<b>40,27</b>	<b>50,94</b>	<b>56,14</b>	<b>73,86</b>	<b>108,82</b>	<b>99,54</b>	<b>117,97</b>	<b>53,87</b>	<b>45,17</b>
<b>A. PROD. AGROPECUARIOS NÃO-ALIMENTÍCIOS</b>	<b>4,29</b>	<b>5,49</b>	<b>10,33</b>	<b>13,62</b>	<b>48,04</b>	<b>35,83</b>	<b>70,01</b>	<b>15,05</b>	<b>12,34</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	0,06	0,14	0,08	0,07	0,03	0,12	0,09	0,09	0,04
II – Produtos do Reino Vegetal	0,30	0,38	0,29	0,62	0,99	0,30	0,44	0,51	0,34
Plantas vivas e produtos de floricultura	0,11	0,15	0,18	0,27	0,34	0,26	0,34	0,32	0,27
Gomas, resinas, outros sucos e extratos vegetais	0,04	0,06	0,03	0,33	0,63	0,04	0,06	0,18	0,07
Mat. Para tranças e produtos de origem vegetal	0,15	0,17	0,09	0,02	0,02	0,00	0,05	0,00	0,00
III – Produtos alimentícios, Bebidas e Fumo	3,93	4,97	9,96	12,94	47,03	35,41	69,48	14,46	11,96
<b>B. ALIMENTOS IN NATURA</b>	<b>35,98</b>	<b>45,45</b>	<b>45,80</b>	<b>60,24</b>	<b>60,78</b>	<b>63,72</b>	<b>47,96</b>	<b>38,81</b>	<b>32,83</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	0,74	1,43	1,43	0,00	0,01	0,10	0,06	0,07	0,05
II – Produtos do Reino Vegetal	35,23	44,02	44,37	60,24	60,77	63,62	47,90	38,74	32,78
Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis, etc.	0,87	2,45	1,78	1,45	0,73	0,72	1,62	1,73	1,51
Frutas, cascas de cítricos e melões	7,54	8,49	10,07	4,56	3,35	4,48	5,43	5,07	4,09
Café, chá, mate e especiarias	23,90	27,90	30,35	39,39	37,65	33,34	33,96	29,50	26,73
Cereais	0,04	0,19	0,09	1,01	1,95	1,34	0,50	0,78	0,28
Sementes e frutos oleaginosos, grãos etc.	2,89	4,98	2,08	13,83	17,08	23,74	6,40	1,67	0,18
<b>C. ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS</b>	<b>13,69</b>	<b>34,78</b>	<b>33,95</b>	<b>38,59</b>	<b>65,11</b>	<b>79,88</b>	<b>88,12</b>	<b>81,38</b>	<b>74,08</b>
I – Produtos do Reino Animal	2,17	6,69	8,06	7,49	9,88	12,66	11,95	12,92	10,35
Carnes e miudezas comestíveis	1,67	5,99	7,59	6,83	8,90	11,05	9,49	10,69	8,33
Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc.	0,42	0,51	0,43	0,64	0,83	1,57	2,42	1,92	1,83
Produtos de origem animal	0,09	0,19	0,04	0,02	0,15	0,04	0,04	0,30	0,19
II – Produtos do Reino Vegetal	0,67	0,83	0,78	0,76	0,82	0,89	0,69	0,58	0,58
III – Gorduras, Óleos e Cêras Animais e Vegetais	1,16	2,24	2,56	3,41	3,87	4,45	5,05	3,85	3,38
IV – Produtos Alimentícios e Bebidas	9,69	25,02	22,56	26,92	50,54	61,88	70,44	64,04	59,76
Preparação de carnes, de peixes, etc.	0,85	1,39	1,65	0,76	0,94	1,03	1,57	2,94	3,11
Doçaria e produtos de confeitaria	2,18	12,36	5,39	13,83	28,34	33,32	20,92	19,85	17,43
Cacau e suas preparações	3,21	3,24	4,66	0,33	5,53	6,99	5,73	6,06	6,10
Preparações à base de cereais, farinha, etc.	0,46	1,01	2,20	0,02	3,01	3,14	2,99	4,13	5,44
Bebidas, Líquidos alcoólicos e vinagres	0,90	2,38	2,15	3,06	3,47	5,05	6,02	5,66	4,98
Outros	2,09	4,64	6,50	8,92	9,25	12,34	33,20	25,41	22,70

Fonte: ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação.

Tabela 1.3 (b)  
 Importações Brasileiras de Produtos do Setor de Alimentos do Uruguai 1992 – 2000 (US\$ milhões FOB)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<b>TOTAL GERAL (I)</b>	<b>302</b>	<b>385</b>	<b>569</b>	<b>738</b>	<b>932</b>	<b>980</b>	<b>1.042</b>	<b>647</b>	<b>602</b>
<b>TOTAL AGROBUSINESS (A+B+C) (II)</b>	<b>153,70</b>	<b>223,63</b>	<b>353,52</b>	<b>697,87</b>	<b>561,11</b>	<b>573,09</b>	<b>646,43</b>	<b>333,11</b>	<b>305,81</b>
<b>TOTAL AGROPECUARIA (A+B)</b>	<b>101,45</b>	<b>146,10</b>	<b>199,00</b>	<b>479,26</b>	<b>276,30</b>	<b>266,00</b>	<b>296,14</b>	<b>137,30</b>	<b>117,42</b>
<b>A. PROD. AGROPECUARIOS NÃO-ALIMENTÍCIOS</b>	<b>3,89</b>	<b>10,95</b>	<b>67,78</b>	<b>358,35</b>	<b>26,00</b>	<b>26,36</b>	<b>22,34</b>	<b>6,94</b>	<b>7,24</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	3,88	10,92	67,75	70,96	25,94	26,27	22,19	6,80	7,22
II – Produtos do Reino Vegetal	0,01	0,03	0,03	5,58	0,04	0,09	0,15	0,13	0,02
Plantas vivas e produtos de floricultura	0,00	0,00	0,02	0,01	0,01	0,02	0,01	0,00	0,00
Gomas, resinas, outros sucos e extratos vegetais	0,01	0,03	0,01	0,01	0,03	0,04	0,14	0,13	0,02
Mat. Para tranças e produtos de origem vegetal	0,00	0,00	0,00	5,56	0,00	0,02	0,01	0,00	0,00
III – Produtos alimentícios, Bebidas e Fumo	0,00	0,00	0,00	281,81	0,01	0,00	0,00	0,01	0,00
<b>B. ALIMENTOS IN NATURA</b>	<b>97,57</b>	<b>135,15</b>	<b>131,22</b>	<b>120,91</b>	<b>250,30</b>	<b>239,64</b>	<b>273,80</b>	<b>130,36</b>	<b>110,18</b>
I – Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	8,64	10,48	12,40	16,41	28,83	27,65	41,05	13,26	15,47
II – Produtos do Reino Vegetal	88,92	124,67	118,82	104,50	221,47	211,99	232,75	117,11	94,71
Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis, etc.	0,55	0,09	0,29	0,49	0,88	1,36	2,54	1,59	0,66
Frutas, cascas de cítricos e melões	0,89	1,94	1,02	2,36	4,35	2,96	4,33	1,48	0,93
Café, chá, mate e especiarias	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
Cereais	77,34	121,67	116,86	100,61	215,72	207,17	225,41	113,83	92,93
Sementes e frutos oleaginosos, grãos etc.	10,15	0,98	0,65	1,05	0,52	0,50	0,47	0,21	0,19
<b>C. ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS</b>	<b>52,25</b>	<b>77,54</b>	<b>154,52</b>	<b>218,62</b>	<b>284,80</b>	<b>307,09</b>	<b>350,29</b>	<b>195,81</b>	<b>188,39</b>
I – Produtos do Reino Animal	16,33	42,49	97,79	123,91	174,74	193,42	208,93	127,91	121,12
Carnes e miudezas comestíveis	6,68	8,12	39,23	40,36	64,80	101,12	86,32	35,26	51,18
Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc.	9,40	34,24	58,10	82,84	109,87	91,11	122,30	92,33	69,15
Produtos de origem animal	0,24	0,13	0,45	0,71	0,07	1,18	0,30	0,32	0,79
II – Produtos do Reino Vegetal	24,23	23,18	27,96	56,71	63,85	48,79	50,37	34,43	41,60
III – Gorduras, Óleos e Cêras Animais e Vegetais	7,24	4,69	9,01	3,92	5,50	7,49	12,78	8,80	13,18
IV – Produtos Alimentícios e Bebidas	4,46	7,19	19,76	34,08	40,71	57,39	78,22	24,68	12,50
Preparação de carnes, de peixes, etc.	0,21	0,40	1,44	0,39	3,24	5,42	6,35	3,33	2,27
Doçaria e produtos de confeitaria	0,18	0,10	0,03	0,33	0,56	0,22	1,06	0,02	0,02
Cacau e suas preparações	0,27	0,20	0,00	5,44	0,18	0,55	0,41	0,05	0,00
Preparações à base de cereais, farinha, etc.	2,51	2,27	1,70	0,51	7,50	14,49	12,72	4,90	2,61
Bebidas, Líquidos alcoólicos e vinagres	0,38	0,41	0,69	1,37	4,52	5,66	3,59	4,27	4,19
Outros									

Fonte: ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação.

## BIBLIOGRAFIA

- ABIA, Associação Brasileira da Indústria da Alimentação. Reunião e Coleta de Informações realizadas em 27/03/2002a.
- ABIA, Associação Brasileira da Indústria da Alimentação. *Barreiras às Exportações de Alimentos no Mercado Internacional – como Superá-las*. São Paulo, ABIA, março de 2002b.
- ABIA, Associação Brasileira da Indústria da Alimentação. *Investimentos na Indústria da Alimentação de 1995 a 2000 – Monografia*. São Paulo, ABIA, 2001
- BACAULTTCHUCK, B. Trigo Nacional, Um Produto Estratégico. In: BNDES, *Revista de Política Agrícola*, ano VIII, nº 3, julho, agosto, setembro, 1999.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL, 1999, *Economia e Negócios no Mercosul: Argentina e Brasil*. Relatório Especial 005/99, 07/01/99.
- BAUMANN, R. *Mercosul: Origens, Logros, Desencontros e Perspectivas*, Doc. LC/BRS/DT.020, CEPAL, Escritório no Brasil, 2000.
- BELLO, T. S. Inserção e Dependência das Exportações Brasileiras em Relação à Argentina: Potencial das Exportações Brasileiras no Mercado Argentino. in INDICADORES ECONÔMICOS FEE, *10 Anos do Mercosul*, Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Porto Alegre, v. 29, nº 1, p.137-182, 2001.
- CEP. Centro de Estudios para la Producción. La inversion extranjera en la Argentina de los Años 90: Tendências y Perspectivas. *Estudios de la Economía Real*, n.º 10, octubre, 1998.
- CHALOULT, Y., HILLCOAT, G., *O Período de Transição do Mercosul e o Setor Primário*. IPEA, Publicações e Políticas Públicas (PPP) nº 13, Brasília, 1996.

- CNI/CEPAL. *Investimentos na Indústria Brasileira 1995-1999: Características e Determinantes*. Rio de Janeiro, Departamento de Economia da CNI, Escritório da Cepal no Brasil, 1997.
- FARINA, E.; AZEVEDO, P.; SAES, M. *Competitividade: Mercado, Estado e Organizações*, São Paulo, Editora Singular, 1997.
- FARINA, E.; SAES, M. *Food Industry in Mercosur: Many Challenges and Big Opportunities*. Paper presented at the International Seminar on Food, Agriculture and Agrobusiness: futures challenges and opportunities. Cirencester, UK, 1996.
- HAGUENAUER, L, ET ALLI. *Evolução da Cadeias Produtivas Brasileiras na Década de 90*. IPEA, Textos para Discussão nº 786, Brasília, 2001.
- JANK, M. S. A importância do Setor Agroindustrial na Integração do Cone-Sul: as Cadeias Sensíveis. In: *Seminário da Agropecuária Brasileira e o Mercosul*, São Paulo, 1992.
- PINTO, N. F. O Mercosul e Suas Conseqüências: um Guia Elementar sobre a Integração no Cone Sul. INDICADORES ECONÔMICOS FEE, *10 Anos do Mercosul*, Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Porto Alegre, v. 29, nº 1, p.82-96, 2001.
- VINER, J. *The Custom Union Issue*. Carnegie Endowment for International Peace, 1950.
- WAQUIL, P. D. O Setor Agrícola nos 10 Anos do Mercosul. INDICADORES ECONÔMICOS FEE, *10 Anos do Mercosul*, Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Porto Alegre, v. 29, nº 1, p.71-81, 2001
- WAQUIL, P. D. O Setor de Grãos e de Oleaginosas no Mercosul, in VIEIRA, W.; CARVALHO, F. *Mercosul – Agronegócios e Desenvolvimento Econômico*, III Seminário de Política Agrícola, Viçosa, 1997, pp.177-197.
- WILKINSON, J. *O Futuro do Sistema Alimentar*, São Paulo, Hucitec, 1989.